

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
MARANHÃO CENTRO DE CIÊNCIAS DE  
IMPERATRIZ CURSO DE JORNALISMO**

**FRANCILENE DA SILVA JORGE**

**A REPERCUSSÃO MIDIÁTICA DO ASSÉDIO SOFRIDO POR UMA JORNALISTA  
ESPORTIVA**

**IMPERATRIZ  
2024**

FRANCILENE DA SILVA JORGE

**A REPERCUSSÃO MIDIÁTICA DO ASSÉDIO SOFRIDO POR UMA JORNALISTA  
ESPORTIVA**

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão – UFMA/CCIM, como requisito parcial para obtenção do Grau em Licenciatura Plena em Jornalismo.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Luciana da Silva Souza

IMPERATRIZ  
2024

FRANCILENE DA SILVA JORGE

**A REPERCUSSÃO MIDIÁTICA DO ASSÉDIO SOFRIDO POR UMA JORNALISTA  
ESPORTIVA**

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca examinadora

---

Prof.<sup>a</sup> Luciana da Silva Souza (Orientador)

---

Prof.<sup>o</sup> Carlos Alberto Claudino Silva (Examinador 01)

---

Prof.<sup>o</sup> Lucas Santiago Arraes Reino (Examinador 02)

IMPERATRIZ  
2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a)  
autor(a).

Silva Jorge, Francilene da.

A repercussão midiática do assédio sofrido por uma  
jornalista esportiva / Francilene da Silva Jorge. - 2024.

38 f.

Orientador(a): Luciana da Silva Souza.

Curso de Comunicação Social - Jornalismo, Universidade  
Federal do Maranhão, Universidade Federal do Maranhão,  
2024.

1. Jornalismo. 2. Assédio. 3. Mídia. 4. . 5. . I.  
Silva Souza, Luciana da. II. Título

Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

#### DEDICATORIA:

Dedico este trabalho aos meus filhos, que estiveram ao meu lado em todos os momentos, proporcionando-me amor, apoio e inspiração. Em especial, dedico aos meus amigos, que tornaram essa jornada mais leve e alegre. Obrigado por cada risada, por cada conselho e por estarem ao meu lado em todos os momentos. Esta vitória é nossa!

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me dar força e sabedoria ao longo desta jornada acadêmica. Aos meus familiares, pelo apoio incondicional, amor e encorajamento durante todos os anos de estudo. À minha orientadora, Luciana Souza, pela paciência, dedicação e por acreditar no meu potencial. Aos meus amigos e colegas de curso, (sem citações de nomes para não haver injustiças) que compartilharam comigo desafios e conquistas. E, por fim, a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

## RESUMO

O assédio no local de trabalho é um problema generalizado que afeta indivíduos de todas as esferas da vida. As jornalistas esportivas, em particular, enfrentam desafios únicos quando se trata de assédio no local de trabalho. Essas profissionais, que muitas vezes trabalham em ambientes dominados por homens, como estádios e eventos esportivos, estão expostas a um comportamento que pode variar desde comentários sexistas até agressões físicas e verbais. Esse tipo de assédio não apenas prejudica a saúde mental e física das jornalistas, mas também impacta diretamente suas carreiras. Este trabalho explora o papel e os desafios das mulheres no jornalismo esportivo, com foco especial no assédio sofrido pela jornalista Bruna Dealtry. A partir desse caso emblemático da jornalista, o trabalho analisa as repercussões do assédio na mídia e a subsequente criação do movimento #DeixaElaTrabalhar, que visa combater o machismo e promover a igualdade de gênero na mídia esportiva. Além de mapear os impactos do assédio sobre as mulheres jornalistas, o trabalho também oferece uma análise crítica da cobertura midiática do tema, destacando tanto os avanços quanto as limitações na abordagem desse problema. Ao final, são discutidas estratégias de prevenção e combate ao assédio, com reflexões sobre as implicações para o futuro do jornalismo e para a sociedade.

**Palavras-chave:** Jornalismo. Assedio. Midia.

## ABSTRACT

Workplace harassment is a widespread problem that affects individuals from all walks of life. Sports journalists, in particular, face unique challenges when it comes to workplace harassment. These professionals, who often work in male-dominated environments such as stadiums and sports events, are exposed to behavior that can range from sexist comments to physical and verbal aggression. This type of harassment not only harms the journalists' mental and physical health but also directly impacts their careers. This paper explores the role and challenges of women in sports journalism, with a special focus on the harassment faced by journalist Bruna Dealtry. Using this emblematic case, the paper analyzes the media repercussions of the harassment and the subsequent creation of the #DeixaElaTrabalhar movement, which aims to combat sexism and promote gender equality in sports media. In addition to mapping the impacts of harassment on female journalists, the paper also offers a critical analysis of media coverage of the issue, highlighting both the progress made and the limitations in addressing this problem. Finally, it discusses strategies for preventing and combating harassment, with reflections on the implications for the future of journalism and society.

**Keywords:** Journalism. Harassment. Media.

## Sumário

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>O AVANÇO DAS MULHERES NO JORNALISMO ESPORTIVO</b> .....	<b>14</b>
2.1	Jornalismo Esportivo e Gênero: Desafios das Mulheres na Cobertura Esportiva .....	15
2.2	Assédio no Jornalismo Esportivo: Tipologias e Impactos nas Mulheres Profissionais .....	19
<b>3</b>	<b>CASO BRUNA DEALTRY: A NOVA INVESTIDA DE MULHERES JORNALISTAS CONTRA O MACHISMO</b> .....	<b>21</b>
3.1	Assédio em Rede Nacional: Contextualizando o Caso da Jornalista .....	21
3.2	O Impacto Inicial na Mídia: Relatos e Repercussões do caso .....	23
3.2.1	Movimento #DeixaElaTrabalhar: A Luta das Jornalistas Esportivas Contra o Assédio e pela Igualdade de Gênero .....	27
3.3	Análise Crítica da Cobertura Midiática: Contribuições e Limitações na Abordagem do Assédio .....	30
3.4	Prevenção e Combate ao Assédio: Implicações do Caso para o Jornalismo e a Sociedade .....	32
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	<b>13</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>34</b>
<b>6</b>	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>35</b>

## INTRODUÇÃO

O ramo do jornalismo esportivo dedica-se à cobertura de eventos, notícias e análises relacionadas ao mundo dos esportes. Tendo como principal objetivo informar e entreter os espectadores, fornecendo detalhes sobre resultados de jogos, performances de atletas, lesões e outros aspectos relevantes para os fãs de esportes. Os profissionais dedicados a esta área, são encarregados de transmitir não apenas os fatos objetivos dos jogos, mas também de fornecer contexto, análise e opiniões sobre o desempenho das equipes e dos atletas, assim como sobre as tendências e os desenvolvimentos do mundo esportivo.

Além de cobrir eventos esportivos tradicionais, o jornalismo esportivo também se expandiu para incluir aspectos culturais, sociais e econômicos. Isso pode envolver reportagens sobre o impacto dos eventos esportivos na sociedade, questões éticas e de integridade no esporte, bem como a influência dos patrocinadores e das mídias na indústria esportiva. Desempenhando um papel significativo na formação da opinião pública sobre questões relacionadas ao esporte e na construção da identidade cultural de uma sociedade em torno de suas paixões esportivas.

A presença das mulheres no jornalismo esportivo tem sido uma jornada de constante evolução e conquista. Como citado por Bourdieu (1997) e Érik Neveu (2006), historicamente, o jornalismo esportivo era um campo dominado por homens, onde as mulheres eram frequentemente relegadas a papéis secundários ou de apoio. No entanto, ao longo das últimas décadas, temos visto um aumento significativo na representação feminina, tanto na cobertura quanto na participação ativa nos esportes. Esse crescimento pode ser atribuído a vários fatores, incluindo a luta por igualdade de gênero, o aumento da visibilidade e popularidade dos esportes femininos, e a insistência de muitas profissionais dedicadas que romperam barreiras e abriram caminho para as futuras gerações. Mulheres como Maria Esther Bueno, que não só brilhou nas quadras de tênis, mas também abriu portas para comentaristas esportivas, ou jornalistas como Renata Fan e Glenda Kozlowski, que se tornaram figuras de destaque na mídia esportiva brasileira, ilustram o impacto positivo dessa mudança.

Além disso, a presença feminina trouxe novas perspectivas e abordagens à cobertura esportiva, enriquecendo o conteúdo e proporcionando uma visão mais inclusiva e diversa. As mulheres no jornalismo esportivo não apenas reportam os fatos, mas também desafiam estereótipos e preconceitos, promovendo uma maior aceitação e valorização do papel feminino nesse meio. Elas têm desempenhado um papel crucial na mudança das narrativas, destacando as conquistas das atletas e a importância do esporte como ferramenta de empoderamento. Entretanto, os desafios ainda persistem e essas profissionais frequentemente enfrentam preconceito, discriminação e assédio, dentro e fora ambiente de trabalho.

O assédio sofrido por mulheres que se dedicam ao jornalismo esportivo é um problema persistente que afeta muitas profissionais do campo. Esse assédio pode se manifestar de várias formas, desde comentários sexistas e desrespeitosos até ameaças explícitas e comportamentos inadequados por parte de colegas de trabalho, entrevistados e até mesmo do público. No ambiente de trabalho, muitas jornalistas esportivas enfrentam comentários sexistas que questionam sua competência e conhecimento, baseando-se em estereótipos de gênero que ainda estão arraigados na sociedade. Frases como "você não entende de esportes" são comuns e refletem a desvalorização das suas habilidades profissionais. Além disso, o assédio físico também é uma realidade, com relatos de toques inadequados e invasões de espaço pessoal, especialmente durante coberturas de eventos esportivos, onde torcedores e até atletas podem se comportar de maneira imprópria. Nas redes sociais, o problema se agrava, pois o anonimato proporcionado pelas plataformas digitais muitas vezes exacerba o comportamento abusivo, e muitas jornalistas se tornam alvo de mensagens ofensivas e ameaçadoras.

Exemplos notáveis ajudam a ilustrar a gravidade do problema, como o caso de Renata Fan, uma das apresentadoras esportivas mais conhecidas do Brasil, que relatou diversas situações de assédio, tanto online quanto presencialmente, destacando a necessidade de maior respeito e igualdade no ambiente de trabalho. Bárbara Coelho, outra figura de destaque no jornalismo esportivo brasileiro, também falou sobre os desafios de ser uma mulher em um ambiente predominantemente masculino. Ela relatou situações de assédio

durante coberturas esportivas, onde foi alvo de comentários inapropriados e invasões de espaço pessoal por parte de torcedores e até colegas de trabalho. Além delas, o caso da jornalista esportiva Bruna Dealtry é outro exemplo notório do assédio sexual enfrentado por mulheres no neste ramo de trabalho.

A mídia desempenha um papel crucial na luta contra o assédio feminino no jornalismo esportivo, atuando em diversas frentes para promover um ambiente mais seguro e igualitário para as mulheres. Em primeiro lugar, a visibilidade é uma ferramenta poderosa ao dar destaque a casos de assédio, garantindo que esses incidentes sejam amplamente conhecidos pelo público. Essa exposição pode pressionar as instituições esportivas e organizações a tomarem medidas disciplinares contra os agressores e incentivar outras vítimas a denunciar seus casos, criando uma rede de apoio e solidariedade. Além disso, a mídia tem a responsabilidade de educar e conscientizar o público sobre o que constitui assédio e a importância de respeitar estas profissionais. A criação de campanhas de conscientização, programas, artigos e reportagens especiais são fundamentais ajudar a identificar comportamentos inadequados e promover uma cultura de respeito.

Tendo em vista toda essa problemática, este trabalho teve como objetivo analisar a repercussão midiática do assédio sofrido pela jornalista esportiva Bruna Dealtry. Ao examinar o caso, buscamos entender como a cobertura da mídia pode refletir e perpetuar padrões e comportamentos que reforçam uma cultura preconceituosa e desigual. Quando uma mulher é assediada em público, especialmente em rede nacional, isso transmite a mensagem de que o assédio em ambientes de trabalho (ou em qualquer outro lugar) é algo normal e aceitável, quando na verdade não deveria ser.

## 1 METODOLOGIA

A metodologia adotada para a pesquisa em questão foi de cunho bibliográfico, conforme preconizado por Marconi e Lakatos (2008, p. 185). Esse tipo de abordagem se baseia na análise e interpretação de fontes secundárias, como livros, artigos científicos, teses, dissertações e documentos diversos. Nesse contexto, o pesquisador busca construir e fundamentar seu conhecimento a partir da síntese e crítica das ideias e teorias já existentes sobre o tema de estudo.

Essa pesquisa é realizada por meio de registro, ou fontes secundárias, já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, pesquisas, teses, materiais cartográficos etc., até meio de comunicações orais, rádios, gravações em fita magnética e áudio visual. Ou seja, sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com o determinado assunto. Logo o trabalho está embasado a partir de contribuições de vários autores constantes nos textos (Marconi & Lakatos 2008, p. 185)

Diante da necessidade da escolha de método que ajudasse no desvelar da problemática citada, o escolhido foi o método indutivo. Para Marconi e Lakatos (2008, p. 87) consideram-se três elementos fundamentais para a indução, isto é, “a indução realiza-se em três etapas: a) observação dos fenômenos; b) descoberta da realização entre eles; c) generalização da relação”.

O estudo apresentou uma abordagem qualitativa cujo pesquisador Severino (2007, p. 118) diz que é uma perspectiva do mundo, para isso os pesquisadores buscam estudar o cenário da forma mais natural possível. A pesquisa é explicativa, pois tem como intuito analisar diversos registros e investigar os resultados com o objetivo de demonstrar as causas através de interpretação. De acordo com Gil (2010, p. 28) “as pesquisas explicativas têm o propósito de identificar fatos que determinem ou contribuem para a ocorrência de fenômenos”. Com isso Gil (2010), fala que as pesquisas explicativas buscam analisar pesquisas já feitas para identificar o objeto de busca no qual se está estudando ou apresentando.

## 2 O AVANÇO DAS MULHERES NO JORNALISMO ESPORTIVO

As primeiras mulheres no jornalismo esportivo enfrentaram uma série de desafios para abrir caminho em um campo dominado por homens (Bravo, 2009). Ao longo dos anos, essas pioneiras desempenharam um papel fundamental na quebra de barreiras de gênero e na promoção da igualdade no jornalismo esportivo. No início do século XX, estas jornalistas enfrentavam uma série de restrições devido às normas sociais da época. Contudo, algumas mulheres corajosas desafiaram essas convenções e começaram a fazer incursões no campo do jornalismo esportivo. Nas décadas de 1920 e 1930, nomes como Mary Garber e Allison Danzig ganharam reconhecimento por seu trabalho na cobertura esportiva. Mary Garber, por exemplo, foi a primeira mulher a receber o Prêmio Red Smith, um prestigioso prêmio de jornalismo esportivo nos Estados Unidos.

Nas décadas seguintes, mais mulheres começaram a entrar no campo do jornalismo, esportivo apesar das muitas barreiras ainda persistentes. No entanto, muitas vezes estas profissionais eram relegadas a cobrir apenas esportes considerados mais "femininos", como ginástica, patinação artística e tênis. Foi somente nas décadas de 1960 e 1970, com o movimento feminista ganhando força, que as mulheres começaram a desafiar essas limitações e a demandar igualdade de acesso e mais oportunidades no jornalismo esportivo (Coelho, 2003; Alexandrino, 2011). Assim, mais e mais mulheres ingressaram no campo, tornando-se repórteres, comentaristas, apresentadoras e até mesmo dirigentes de redação em importantes veículos de comunicação esportiva. Figuras como Lesley Visser, Christine Brennan e Doris Burke se destacaram e viraram modelos para as gerações futuras de mulheres jornalistas esportivas.

A mulher consegue desmitificar a ideia de que o mundo dos esportes só pertence aos homens e que elas não têm competência para discutir. O poder de comunicação em massa contribui para que as mulheres consigam conquistar credibilidade do público ao assistir um programa e ter como protagonista uma mulher apresentando, por exemplo (Mota, 2013, p.27).

No Brasil, Maria Helena Rangel e Mary Zilda Grassia Sereno foram

reconhecidas como as primeiras mulheres a atuarem no ramo de jornalismo esportivo no país. Maria Rangel se destacou como atleta no arremesso de disco vencendo diversas competições (RAMOS, 2010, p.31). Na década de 1940, enquanto estudava na Faculdade Cásper Líbero, Maria foi convidada a escrever para a *Gazeta Esportiva*, realizando diversas viagens como jornalista para cobrir campeonatos de vôlei e basquete. Seu registro profissional foi emitido em 1948, e ela exerceu a profissão por aproximadamente cinco ou seis anos até falecer por causas naturais (Ibidem, p. 238). Mary Sereno, nascida no Rio de Janeiro, se destacou como uma das primeiras jornalistas fotógrafas de São Paulo. Sua primeira experiência fotografando para um jornal foi em *O Globo*, após a Copa do Mundo de 1934, quando capturou uma imagem de uma freira italiana comemorando o título da seleção no Rio de Janeiro (RAMOS, 2010, p. 261). Embora o jornal tenha publicado a foto, Mary Zilda não foi contratada devido ao fato de ser mulher.

Um marco importante para a inclusão das mulheres brasileiras no mundo do jornalismo esportivo foi a criação da *Rádio Mulher* em 1971. A voz de Zuleide Ranieri, responsável pela narração da partida, ecoou no estádio. Ela foi a voz da *Rádio Mulher* que atraiu homens e mulheres para acompanhar os grandes clássicos do futebol brasileiro. Outra pioneira foi Renata Fan, a primeira mulher a comandar um programa esportivo no estilo “mesa redonda” na televisão em 2007. Ela começou a apresentar o Jogo Aberto, na Band. Essas pioneiras abriram caminho para outras mulheres no jornalismo esportivo, desafiando preconceitos e superando desafios. Hoje, as mulheres são uma presença significativa e influente no jornalismo esportivo em todo o mundo. Elas cobrem uma ampla gama de esportes, desde futebol e basquete até corridas automobilísticas e esportes de inverno. No entanto, apesar do progresso significativo, ainda há muitos desafios a serem enfrentados. No entanto, o legado das primeiras mulheres no jornalismo esportivo continua a inspirar e capacitar as mulheres jornalistas de hoje a continuarem lutando por igualdade e reconhecimento em seu campo.

## **2.1 Jornalismo Esportivo e Gênero: Desafios das Mulheres na Cobertura Esportiva**

A presença feminina nesse meio do jornalismo esportivo cresceu

consideravelmente, mas as dificuldades permanecem evidentes. Desde a resistência à sua inserção até as barreiras para reconhecimento, as mulheres precisam superar obstáculos que seus colegas homens raramente enfrentam. A questão de gênero é central para compreender as dinâmicas que regem esse setor e as lutas por igualdade. A divisão sexual do trabalho reflete e perpetua a hierarquia de gênero na sociedade estando presente em todos os aspectos sociais e é internalizada pelas pessoas. Embora seja frequentemente disfarçada de neutra, essa organização social mantém a dominação masculina. Dessa forma, a separação das atividades por gênero se baseia em uma interpretação arbitrária do biológico, gerando uma falsa impressão de que as funções designadas a cada sexo são naturais (Bourdieu, 2012).

Essa desigualdade no ambiente de trabalho ocorre porque até a revolução industrial a mulher era predominantemente do ambiente familiar, destinada unicamente para as atividades do lar. Sako (2015) relata que o trabalho em domicílio sempre foi mal conceituado pela sociedade, isto porque, esse tipo de labor era direcionado a pessoas que tinham baixa qualificação, essas atividades tinham a execução necessária, porém, não se tinha tanta relevância econômica e/ou social. De modo histórico o trabalho em domicílio, em grande parte visto como menores era direcionados apenas a mulher, a escolha desse alvo se refere a sua baixa remuneração ou em grande parte, a nenhuma remuneração. No Brasil, é somente com a Lei nº 13.467/2017 que houve a revogação do parágrafo único do art. 372 da CLT, o qual tinha em sua redação o teor de que a mulher não teria seu labor equiparado ao trabalho do homem.

O trabalho da mulher é considerado inferior, em que pese a reforma trabalhista ter diminuído essas discrepâncias, ela ainda persiste, pois não basta apenas a criação de leis é necessária uma mudança de mentalidade por parte de empregadores, chefes e da própria sociedade. (MACHADO E SOUZA, 2018, p. 895)

Dessa forma, é sabido que durante anos o labor feminino foi muito menosprezado perante a sociedade. Essa divisão de gênero no mercado de trabalho ainda levanta outra questão: a diferença salarial. Mulheres costumam receber menos que seus colegas homens, mesmo quando desempenham as

mesmas funções. Essa disparidade salarial é reflexo de uma estrutura patriarcal que valoriza menos o trabalho feminino. É inegável que a Constituição Federal de 1988 trouxe para o ordenamento jurídico brasileiro uma diversidade de direitos para as mulheres, tais como: licença maternidade, a determinação de incentivos específicos ao seu mercado de trabalho, o mandamento da não discriminação e até mesmo a licença paternidade. Entretanto, a Constituição de 1988 firmou compromisso de construir uma sociedade mais igualitária, pluralista e democrática. Necessário é enfatizar que a sociedade ainda perdura pelo o caminho da discriminação, portanto, se faz tão necessário a elaboração de um estatuto jurídico próprio para regulamentar o trabalho das mulheres.

Contudo, apesar de todas essas garantias, a mulher ainda é discriminada no mercado de trabalho, possui salários inferiores aos dos homens e é vítima de preconceito devido à maternidade. No que se refere à maternidade em específico, muitas mulheres apesar da garantia da licença constitucional de 120 (cento e vinte) dias, sentem-se impelidas a voltar o mais rápido ao mercado de trabalho por medo de ficarem para “trás” na vida profissional ou até mesmo com receio de serem demitidas ao término da licença. (SOUZA E MARTINS, 2016, p. 8)

A luta por salários justos é, portanto, uma luta por reconhecimento e respeito à igualdade de gênero no ambiente de trabalho. Outro desafio significativo é a dificuldade de ascensão a cargos de liderança. No jornalismo esportivo, a maioria dos cargos de chefia ainda é ocupada por homens. Isso limita as oportunidades para que as mulheres influenciem as pautas e decisões editoriais, perpetuando uma visão predominantemente masculina do esporte. A sub-representação feminina em posições de poder reforça a desigualdade e dificulta a transformação do setor.

Acerca da construção de uma sociedade igualitária entre homens e mulheres e livre da discriminação de gênero, faz-se necessário o tratamento desigual em termos jurídicos, de forma a garantir às partes ou grupos desfavorecidos maiores oportunidades de igualdade. (SOUZA E MARTINS, 2016, p. 9).

Essa sub-representação ajuda a reforçar estereótipos de gênero dificultando a credibilidade profissional dessas jornalistas. Isto decorre de uma

série de fatores, muitos dos quais estão enraizados na sociedade em uma cultura que ainda associa o esporte predominantemente ao masculino. As mulheres precisam superar uma série de preconceitos para serem vistas como autoritárias e conhecedoras no campo esportivo. Um dos principais obstáculos é o preconceito implícito que sugere que mulheres têm menos conhecimento ou paixão por esportes em comparação com homens. Mesmo quando uma mulher tem um profundo conhecimento e uma vasta experiência na área, ela pode precisar provar sua competência com mais frequência do que seus colegas homens. Esse viés de gênero muitas vezes resulta em um questionamento constante de suas habilidades e qualificações. Isso se reflete em situações onde jornalistas mulheres são questionadas sobre seu conhecimento técnico, mesmo quando possuem formação adequadas. A dúvida sobre a capacidade das mulheres de analisar e comentar esportes, particularmente os considerados "masculinos", perpetua estereótipos que diminuem sua atuação profissional.

Contudo, o maior desafio enfrentado por mulheres no jornalismo esportivo ainda é a luta contra o assédio e sexismo. Muitas mulheres jornalistas enfrentam comentários sexistas, piadas de mau gosto e são frequentemente julgadas mais por sua aparência do que por sua competência profissional. Muitas vezes, a atenção se desvia das suas competências e realizações para focar em aspectos superficiais, o que pode impactar negativamente sua credibilidade e autoridade no campo.

O assédio sexual é uma forma de violência de gênero que visa desestabilizar e deslegitimar a presença das mulheres nesse espaço, afetando muitas mulheres que trabalham neste ramo. Esse tipo de violência pode ocorrer em diversas formas, como comentários inapropriados, toques não consensuais, ou avanços indesejados. No ambiente esportivo, onde a cultura predominante pode ser especialmente machista, essas experiências são particularmente prevalentes e dolorosas. Casos de assédio muitas vezes acontecem em eventos ao vivo ou em interações com torcedores e jogadores, expondo as mulheres a um público amplo e, muitas vezes, hostil.

## **2.2 Assédio no Jornalismo Esportivo: Tipologias e impactos nas mulheres profissionais**

O assédio no jornalismo esportivo é um problema que pode assumir várias formas e tem impactos significativos nas vítimas, bem como no campo do jornalismo como um todo. Existem várias tipologias de assédio que estas jornalistas podem enfrentar, dentre eles: o assédio verbal, que pode incluir comentários sexistas, piadas ofensivas ou linguagem depreciativa; assédio sexual, que pode variar de comentários inapropriados a avanços físicos indesejados, é outra forma grave de assédio que muitas jornalistas esportivas enfrentam; assédio moral que se caracteriza por comportamentos repetitivos e humilhantes que têm o objetivo de desestabilizar a profissional, comprometendo sua autoestima e sua capacidade de trabalho.

Esse tipo de assédio pode se manifestar através de menosprezo pelas habilidades da mulher, a exclusão de oportunidades de cobertura de eventos importantes, ou a desvalorização constante de suas opiniões e análises, contribuindo para um ambiente de trabalho tóxico e desmotivador. Além desses, o assédio online é uma preocupação crescente no mundo digital de hoje. As jornalistas esportivas podem ser alvo de *trolls* online, receber mensagens de ódio ou serem vítimas de cyberbullying. Este tipo de assédio pode ser particularmente prejudicial, pois pode ocorrer a qualquer momento e em qualquer lugar, e pode ser difícil de controlar ou prevenir.

Os impactos do assédio na vida dessas profissionais são profundos e de longo alcance. No nível individual, o assédio pode acarretar sérias consequências para a saúde mental e física das vítimas. Estudos indicam que metade das mulheres que sofrem assédio relatam sequelas psicológicas, como estresse e crises de ansiedade (BUENO, 2018). Além disso, as vítimas podem enfrentar represálias e penalidades em seu ambiente de trabalho (CAMPAGNA; KUTZKE, 2019), o que agrava ainda mais sua situação. Esse cenário se torna ainda mais preocupante quando o agressor é um superior hierárquico (Moraes, 2018), pois isso pode intimidar as vítimas, dificultando que elas se sintam seguras para denunciar os abusos. Além disso, o assédio também pode afetar a carreira das vítimas, pois pode tornar difícil para elas fazerem seu trabalho efetivamente ou progredir em suas

carreiras. No nível organizacional, o assédio pode criar um ambiente de trabalho tóxico e inseguro. Isso pode levar a uma diminuição da moral, aumento da rotatividade de funcionários e danos à reputação da organização. Além disso, o assédio pode limitar a diversidade no jornalismo esportivo, pois pode desencorajar as mulheres de entrar ou permanecer no campo. No nível societal, o assédio no jornalismo esportivo pode reforçar as desigualdades de gênero e perpetuar estereótipos prejudiciais. Isso pode ter um impacto negativo na forma como as mulheres são retratadas na mídia esportiva e na forma como o público percebe as mulheres no esporte.

Por isso, é crucial que sejam tomadas medidas para prevenir e combater o assédio no jornalismo esportivo. Isso inclui a criação de políticas claras de anti-assédio, a promoção de uma cultura de respeito e igualdade, e o fornecimento de apoio e recursos para as vítimas de assédio. Ao fazer isso, podemos trabalhar para criar um ambiente de trabalho seguro e inclusivo para todas as mulheres no jornalismo esportivo.

### **3 CASO BRUNA DEALTRY: A NOVA INVESTIDA DE MULHERES JORNALISTAS CONTRA O MACHISMO**

Bruna Dealtry é uma jornalista esportiva brasileira cuja carreira e vida pessoal reflete dedicação, paixão pelo esporte e resiliência diante dos desafios enfrentados pelas mulheres que atuam na área do jornalismo esportivo. Natural do Rio de Janeiro, Bruna desde cedo demonstrou interesse pelo jornalismo e pelo esporte, duas áreas que combinou de forma brilhante em sua trajetória profissional. Sua carreira começou no vôlei de praia, onde ela atuou profissionalmente entre 2002 e 2012, antes de se voltar para o jornalismo esportivo.

Após se aposentar do vôlei, Bruna se formou em Jornalismo pela Faculdade Integradas Hélio Alonso (FACHA), começando sua carreira em pequenas redações, ela foi ganhando espaço aos poucos, sempre com o objetivo de cobrir grandes eventos esportivos. Seu talento e determinação a levaram a trabalhar em importantes veículos de comunicação, como a Rede Record e o Esporte Interativo, onde se destacou pela cobertura de eventos de futebol. Bruna rapidamente se tornou uma das repórteres mais respeitadas da área, conhecida por sua competência, carisma e habilidade em lidar com situações de alta pressão.

Um dos momentos significativos de sua carreira foi a cobertura do Campeonato Carioca de Futebol 2023 para o Cazé TV2. Além disso, ela também fez reportagens ao vivo para a TNT Sports Brasil, trazendo informações atualizadas antes dos jogos de futebol e durante os treinos de clubes como o Fluminense Football Club, o Clube de Regatas do Flamengo e o Botafogo de Futebol e Regatas. Atualmente a jornalista passou a integrar a equipe do CazéTV e participou da cobertura das olimpíadas de Paris 2024.

#### **3.1 Assédio em Rede Nacional: Contextualizando o Caso da Jornalista**

Em 13 de março de 2018, a repórter Bruna Dealtry participava da transmissão, ao vivo, da partida do Vasco da Gama contra a Universidade do Chile, pela Copa Libertadores da América 2018, quando foi beijada a força por um

torcedor. Na época Bruna era jornalista do canal de TV Esporte Interativo e ficou visivelmente constrangida com a situação e declarou “Isso não foi legal, né? Isso não precisava, aconteceu, e vamos seguir o baile por aqui”. A jornalista, que sempre demonstrou profissionalismo e competência em seu trabalho, conseguiu manter a calma e continuar a transmissão.

Posteriormente, ela utilizou suas redes sociais para denunciar o assédio e expressar sua frustração e indignação, descrevendo-se como "humilhada" e destacando o sentimento de impotência que muitas mulheres enfrentam em situações semelhantes, seja no ambiente de trabalho, nos estádios, ou em outros espaços públicos (9News,DW). Bruna postou um texto nas suas páginas do Instagram e Facebook desabafando sobre o assunto: “Hoje, senti na pele a sensação de impotência que muitas mulheres sentem em estádios, metrô ou até mesmo andando pelas ruas”, diz. Acompanhada da mensagem de indignação, a jornalista postou uma imagem do vídeo do momento em que o torcedor a beijou.



A resposta ao incidente foi rápida e contundente. O canal Esporte Interativo e o time de futebol Vasco da Gama manifestaram apoio incondicional a Bruna, condenando o comportamento do torcedor e ressaltando a importância de um ambiente de trabalho seguro e respeitoso para todos os profissionais. Em nota, o Vasco da Gama publicou em sua rede social: “O Club de Regatas Vasco da Gama lamenta o episódio ocorrido na noite de ontem com a jornalista Bruna Dealtry e repudia qualquer ato de assédio ou desrespeito às mulheres. O clube se compromete a tomar providências para que ações desse tipo sejam devidamente

punidas. #VascoDelas". Diversas figuras do esporte e do jornalismo também expressaram solidariedade com Bruna e condenaram o assédio, contribuindo para a ampliação do debate sobre a segurança das mulheres jornalistas. O caso de Bruna Dealtry não foi um evento isolado, mas sim um reflexo de uma questão mais ampla e persistente: o assédio enfrentado por mulheres no jornalismo esportivo.

### **3.20 Impacto Inicial na Mídia: Relatos e Repercussões do caso**

O jornalismo televisivo, por sua natureza, apresenta uma série de desafios que diferem significativamente de outras formas de jornalismo. Primeiramente, a imprevisibilidade e a pressão são características centrais do jornalismo ao vivo. Diferente de reportagens gravadas, onde há a possibilidade de edição, cortes e ajustes, o jornalismo ao vivo exige que o jornalista lide com qualquer situação que ocorra no momento em tempo real. Isso inclui desde falhas técnicas até, como no caso de Bruna Dealtry, interações inesperadas e indesejadas com o público. A capacidade de reagir imediatamente a esses imprevistos, mantendo a clareza e a compostura, é uma habilidade essencial e distintiva dos jornalistas que trabalham com transmissões ao vivo.

Em segundo lugar, o comportamento do jornalista em situações ao vivo é de extrema importância. Como tudo é transmitido diretamente ao público sem filtros, a forma como o jornalista reage a situações adversas pode influenciar tanto a percepção pública quanto a credibilidade do profissional. No caso de Bruna Dealtry, sua tentativa de manter a compostura após o assédio é um exemplo de como os jornalistas precisam equilibrar o profissionalismo com o impacto emocional de situações inesperadas e, muitas vezes, traumatizantes.

Além disso, a interação com o público é um aspecto importante no jornalismo ao vivo, especialmente no contexto esportivo, onde o jornalista está frequentemente em ambientes com grandes multidões e alta carga emocional. Essa proximidade com o público, embora enriqueça a cobertura jornalística, também aumenta os riscos de incidentes como o que ocorreu com Bruna. O comportamento dos torcedores, muitas vezes influenciado pela euforia ou pela cultura machista presente em alguns espaços, pode resultar nessas situações de assédio, destacando a necessidade de

medidas preventivas e uma maior conscientização sobre o respeito às mulheres no esporte.

A cobertura midiática em torno do caso de assédio sofrido por Bruna foi intensa e variada, refletindo a gravidade do incidente e a crescente sensibilidade do público e da mídia para questões de assédio sexual e igualdade de gênero. O ocorrido rapidamente se tornou notícia em vários veículos de comunicação, tanto tradicionais quanto digitais. Logo após o ocorrido, diversos jornais, canais de televisão, portais de notícias e blogs especializados em esporte reportaram o incidente.

A maioria das reportagens destacou não apenas o ato de assédio em si, mas também a reação profissional e digna da jornalista, que conseguiu manter a compostura apesar da agressão. As matérias frequentemente incluíam declarações de Bruna, suas postagens nas redes sociais e comunicados oficiais do Esporte Interativo, demonstrando apoio à jornalista e condenando veementemente o comportamento do torcedor.





A mídia televisiva, incluindo grandes redes como a Rede Globo e a Record, dedicou segmentos de seus telejornais ao caso, muitas vezes convidando especialistas em direitos das mulheres e jornalistas para discutir o impacto do assédio no ambiente de trabalho e a importância de políticas eficazes de prevenção. Programas de debates e talk shows, como o Encontro com Fatima Bernardes, também abordaram o incidente promovendo discussões sobre a cultura do machismo no esporte e no jornalismo esportivo. O caso também gerou uma avalanche de relatos nas redes sociais. Inspiradas pela coragem de Bruna Dealtry, muitas outras jornalistas esportivas compartilharam suas próprias experiências de assédio, revelando a profundidade e a onipresença do problema. Jornalistas como Gabriela Moreira, Ana Thaís Matos e Renata Mendonça foram algumas das que se uniram ao movimento, expondo casos que variavam de comentários sexistas a agressões físicas, mostrando que o assédio é uma questão sistêmica no jornalismo esportivo.

A grande maioria dos comentários do público nas redes sociais refletiu um amplo apoio à jornalista e uma condenação veemente ao assédio. Essas postagens não apenas amplificaram a voz das jornalistas, mas também ajudaram a manter a

pressão sobre as organizações de mídia e as autoridades para que tomassem medidas concretas contra o assédio.



**Glalber Martins**

Falta de respeito imenso ... queria ver se a repórter fosse mulher, mãe, irmã ou alguém da família dele oque ele acharia dessa atitude de outros homens ... Infelizmente isso acontece na sociedade ... Vocês mulheres tem que lutar sim pelos direitos e seguir sempre de cabeça erguida todos nós merecemos respeito e ser tratado da mesma maneira

6 anos Curtir Responder 27



**Camila Soares**

Ser mulher e trabalhar no meio do esporte, principalmente futebol (que é tido como algo masculino) é muito difícil. Todo dia um questionamento sobre nossa capacidade e todo dia uma mulher sendo assediada no próprio trabalho e o mais triste na minha visão, as repórteres são assediadas pelos próprios colegas, apresentadores que vivem com piadinha muito sem graça para falar da beleza da mulher

6 anos Curtir Responder 42



**Isabella Otto**

Já aconteceu comigo, Bruna, mais de uma vez. Na hora a gente não sabe nem o que fazer, né? Acho que até ri. Mas ri de nervoso, porque tanta gente aceita e acha graça em uma atitude dessas. Você teve sangue frio e se saiu muito bem. Nem deveria, porque algo do tipo, definitivamente, não deveria mais acontecer. Estamos juntas! Beijos <3

6 anos Curtir Responder 6



**Marcio Matos**

É um babaca msm pra que isso. ..eu tive a honra de conhecer vc foi tão legal comigo eu pedi pra tirar uma foto com vc errei seu nome msm assim vc me atendeu com maior carinho!peço desculpas infelizmente te alguns da nossa raça que na um sabem respeitar uma mulher.....

6 anos Curtir Responder 37



**alefnogueiraoficial** 320 sem  
Parabéns pela campanha que fizeram as mulheres merecem mais respeito porque elas também tem seu espaço na sociedade

1 curtida Responder Ver tradução



**natalie.gruber.mar** 320 sem  
Muito desrespeito...!! Já senti isso na pele num situação de trabalho tb...!!! É horrível!!

1 curtida Responder Ver tradução



**thajhenifer** 321 sem

As vezes é triste ser mulher, ainda mais quando você lê os comentários dos machos aqui. Muita força a você Bruna! Nos venceremos essa luta diária contra o assédio, principalmente as mulheres que estão no mundo do futebol. #DeixaElaTrabalhar

1 curtida Responder Ver tradução

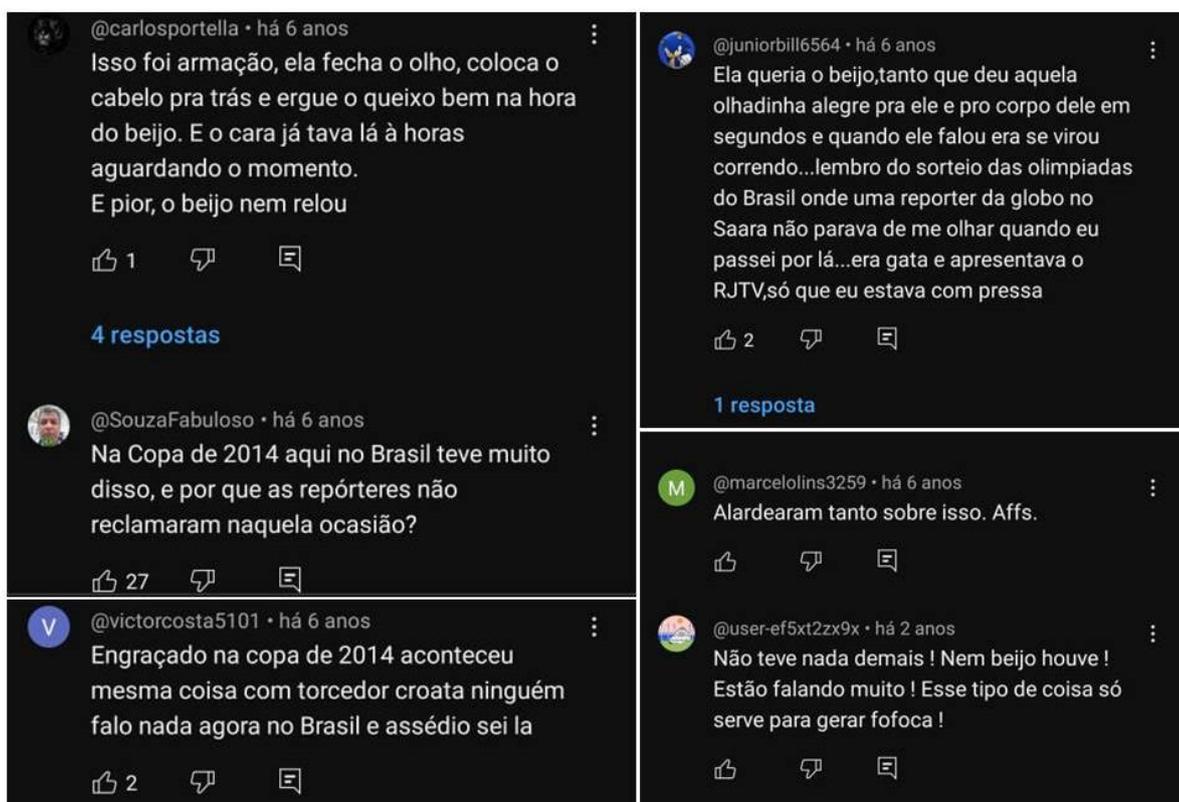


**Léo Ferreira Junior**

Chamar de idiota, imbecil e babaca ainda é pouco. Em nome da torcida Vascaína lhe peço desculpas. Esse cara não representa a torcida que sempre lutou contra o preconceito e discriminação. Continue fazendo seu trabalho que é mais que aprovado pela verdadeira torcida Vascaína.

6 anos Curtir Responder

Apesar do apoio esmagador, houve também reações negativas e resistência. Alguns comentários minimizavam a gravidade dos incidentes ou sugeriam que as jornalistas estavam exagerando e em alguns casos até acusavam do ocorrido ser apenas “encenação”. Esses comentários, embora minoritários, revelaram a persistência de atitudes machistas e a necessidade contínua de educação e sensibilização sobre o tema.



### 3.2.1 Movimento #DeixaElaTrabalhar: A Luta das Jornalistas Esportivas Contra o Assédio e pela Igualdade de Gênero

Ainda em março de 2018 foi lançado o movimento ‘#DeixaElaTrabalhar’ em resposta ao crescente número de casos de assédio enfrentados por mulheres na profissão. O estopim para a criação da campanha foi o incidente particularmente perturbador envolvendo a jornalista Bruna Dealtry. Para expressar sua insatisfação, pelo menos 50 jornalistas se uniram em um grupo de WhatsApp para coordenar a melhor forma de se manifestar. Em primeiro momento a ideia era que fosse produzido um texto que seria compartilhado nas redes sociais, contudo as

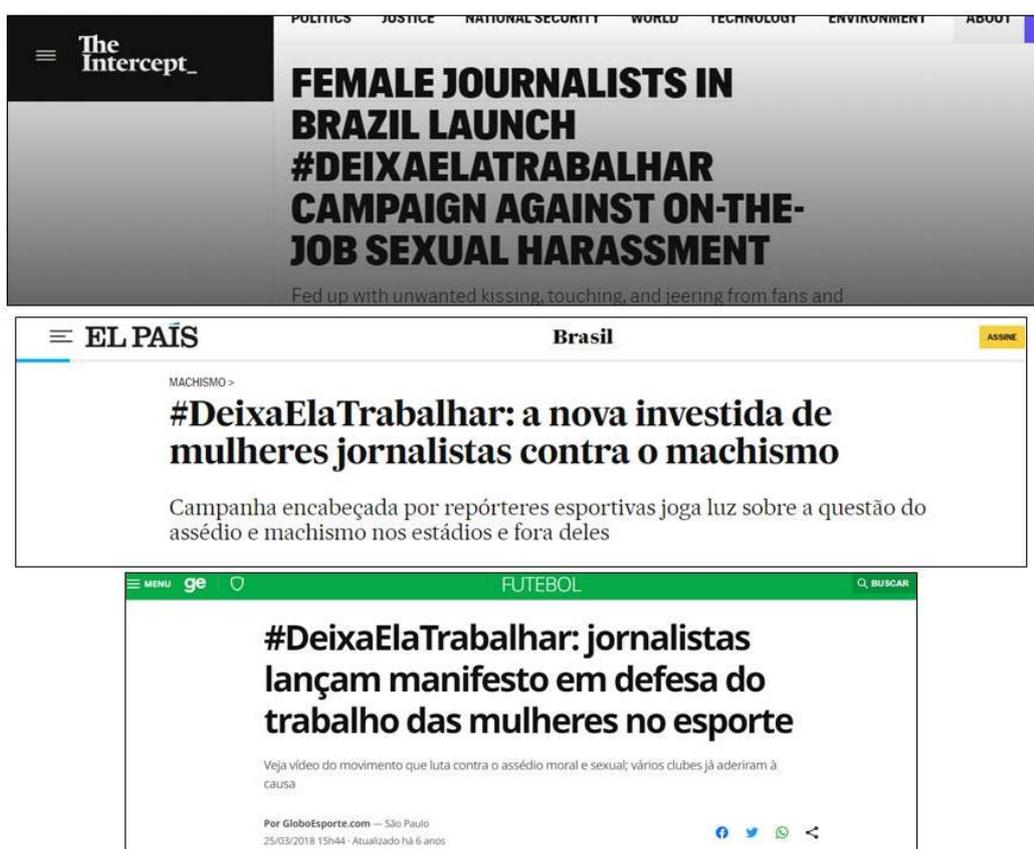
envolvidas chegaram a um consenso para a criação de um vídeo impactante com uma mensagem contundente, narrada coletivamente por todas as participantes da campanha. Bruna Dealtry é quem dá início e encerra o comunicado no vídeo. Ele foi amplamente compartilhado e ajudou a amplificar a mensagem do movimento, atraindo a atenção da mídia e do público para a questão. O vídeo trouxe depoimentos de profissionais como Renata Fan, Fernanda Gentil, e Carol Barcellos, que compartilharam histórias impactantes e emocionantes sobre os desafios que enfrentam diariamente.

A partir daí mais jornalistas decidiram unir forças para denunciar o assédio e exigir respeito e igualdade de tratamento no ambiente de trabalho. Em entrevista ao jornal El País a jornalista e participante do movimento Bibiana Bolson diz “A ideia é dar uma resposta aos assédios e às situações recentes da Bruna e da Renata, que é também um pouco a história de todas nós, que já fomos assediadas nas redações, nos estádios e sofremos violência nas redes sociais”.



Com isso, a hashtag #DeixaElaTrabalhar rapidamente ganhou popularidade nas redes sociais resultando na criação de uma página no Facebook que atualmente tem mais de 19.000 curtidas, uma conta no Twitter com 4.369 seguidores e no Instagram com 6.420 seguidores e 80 publicações. O movimento conquistou apoio

de diversas pessoas e ganhou repercussão internacional em canais de televisão como: BBC news, Mundo Deportivo, El país e The Intercept. Além destes, a campanha também foi pauta em mais de 37 veículos de notícias na internet como Veja, Correio Braziliense, Terra e Record e em sites voltados para o público feminino como Marie Claire, Valkirias, Azmina e Dibradoras e de coberturas esportivas como, UOL Esportes, Torcedores, Trivela, Esporte ao minuto e SuperEsportes.



O principal objetivo da campanha foi conscientizar a sociedade sobre a importância de garantir um ambiente de trabalho seguro e respeitoso para todas as mulheres. E, além disso, a iniciativa também buscou dar visibilidade ao problema compartilhando histórias e relatos de assédio demonstrando a dimensão do problema e revelando que não se trata de casos isolados. A campanha também buscou combater o machismo desafiando os estereótipos de gênero e questionando a ideia de que o esporte é um espaço exclusivamente masculino e quis promover a igualdade de oportunidades ao defender o direito das mulheres de exercerem suas profissões sem serem alvo de discriminação.

A campanha também quis promover mudanças concretas no ambiente de trabalho. As jornalistas envolvidas no movimento exigiram que as empresas de mídia adotassem políticas mais rigorosas para combater o assédio, incluindo a implementação de treinamentos obrigatórios sobre assédio sexual, a criação de canais de denúncia confidenciais e a punição adequada para os infratores.

A pressão gerada pelo movimento levou várias empresas de mídia a revisar e reforçar suas políticas internas. Ele incentivou outras profissionais a se manifestarem e a denunciarem casos de assédio, criando uma rede de apoio e solidariedade entre as mulheres na profissão. Além disso, o movimento contribuiu para uma maior visibilidade das jornalistas esportivas, destacando seu talento e profissionalismo e ajudando a desafiar os estereótipos de gênero no esporte.

### **3.3 Análise crítica da cobertura midiática: Contribuições e limitações na abordagem de casos de assédio**

A cobertura midiática do assédio enfrentado por mulheres jornalistas e/ou profissionais de outras áreas de atuação desempenha um papel fundamental na conscientização e na promoção de mudanças sociais e institucionais. Primeiramente, é importante reconhecer que a exposição midiática desse fenômeno tem contribuído significativamente para aumentar a conscientização sobre a questão, ampliando o diálogo público e pressionando por mudanças nas estruturas sociais e institucionais. A cobertura jornalística tem sido fundamental para expor casos de assédio, evidenciando a necessidade de medidas preventivas e de proteção para as profissionais envolvidas. No entanto, essa mesma cobertura muitas vezes carece de profundidade e sensibilidade na abordagem do problema, limitando sua eficácia e perpetuando estereótipos de gênero.

Uma das contribuições mais significativas da cobertura midiática é sua capacidade de dar voz às vítimas, permitindo que suas histórias sejam ouvidas e reconhecidas. Ao relatar casos de assédio, os meios de comunicação oferecem uma plataforma para que mulheres jornalistas esportivas compartilhem suas experiências, expondo a gravidade do problema e desafiando a cultura do silêncio que muitas vezes o envolve. Essa visibilidade pode ser empoderadora e encorajadora para outras mulheres que enfrentam situações similares, promovendo um senso de

solidariedade e apoio mútuo dentro da indústria do jornalismo esportivo. No entanto, apesar dessas contribuições importantes, a cobertura midiática do assédio enfrenta várias limitações significativas. Em muitos casos, a abordagem da mídia pode ser sensacionalista, priorizando o sensacionalismo em detrimento da análise crítica e do apoio às vítimas.

Além disso, a falta de diversidade nas redações pode influenciar a maneira como o assédio é retratado, com narrativas que ignoram as interseções entre gênero, raça e classe social, perpetuando uma visão limitada do problema. Outra limitação importante é a tendência da mídia de focar apenas nos aspectos individuais do assédio, sem abordar suas raízes sistêmicas e estruturais. O assédio contra mulheres jornalistas esportivas não ocorre no vácuo; é muitas vezes sintomático de desigualdades de poder mais amplas dentro da indústria do esporte e do jornalismo.

No entanto, essa dimensão mais ampla do problema muitas vezes é negligenciada pela cobertura midiática, que tende a retratar o assédio como casos isolados de má conduta individual, em vez de como um sintoma de problemas sistêmicos mais profundos. Além disso, essa a cobertura midiática pode ainda ser inconsistente e seletiva, com certos casos recebendo atenção desproporcional em relação a outros. Isso pode ser influenciado por uma série de fatores, incluindo a visibilidade e o status das pessoas envolvidas, bem como considerações comerciais e políticas dentro das organizações de mídia. Essa seletividade pode distorcer a percepção pública do problema e perpetuar injustiças na maneira como o assédio é tratado e abordado pela sociedade.

Por fim, a cobertura midiática do assédio enfrentado por mulheres jornalistas esportivas muitas vezes carece de uma análise mais ampla das soluções e estratégias para prevenir e combater o problema. Embora seja importante relatar casos de assédio, os meios de comunicação também têm um papel crucial a desempenhar na promoção de mudanças estruturais que abordem as causas subjacentes do assédio e criem ambientes de trabalho mais seguros e inclusivos para todas as pessoas. Embora a mídia desempenhe um papel crucial na exposição e conscientização sobre o problema, é importante reconhecer e abordar as maneiras pelas quais essa cobertura pode ser aprimorada para oferecer uma representação

mais completa e sensível do assédio e suas ramificações mais amplas na sociedade e na indústria do jornalismo esportivo.

### **3.4 Prevenção e combate ao assédio: Implicações do caso para o jornalismo e a sociedade**

A violência sofrida por jornalistas esportivas é uma questão preocupante que tem implicações significativas tanto para o jornalismo quanto para a sociedade em geral. Este problema não é apenas um reflexo da desigualdade de gênero no local de trabalho, mas também um obstáculo para a igualdade de gênero e a diversidade na mídia. Essas experiências podem ter um impacto profundo nas vítimas.

O caso levanta diversas implicações que merecem ser analisadas de forma crítica e abrangente. Primeiramente, é essencial reconhecer que o assédio contra jornalistas não é um problema isolado, mas sim um reflexo de desigualdades estruturais e culturais profundamente enraizadas. Portanto, a sua prevenção e o combate exigem uma abordagem que vá além da punição aos agressores.

Observamos a necessidade de enfrentar as normas de gênero prejudiciais e promover uma cultura de respeito e igualdade dentro das redações, das instituições esportivas e da sociedade em geral. Além disso, destacamos a importância da conscientização e da educação como ferramentas fundamentais na luta contra o assédio. Tanto os jornalistas quanto o público em geral precisam estar cientes dos diferentes tipos de assédio, de seus impactos devastadores e dos recursos disponíveis para denunciá-lo e combatê-lo. Isso requer um esforço conjunto por parte das empresas de mídia, das organizações esportivas e das instituições educacionais para fornecer treinamento e apoio adequados.

Outro aspecto relevante é o papel dos órgãos reguladores e das políticas de proteção no enfrentamento do assédio. As empresas de mídia e as organizações esportivas devem implementar medidas eficazes para prevenir e responder ao assédio, garantindo que haja canais de denúncia seguros e procedimentos claros para lidar com as queixas. Além disso, é crucial que existam consequências significativas para os agressores, incluindo sanções disciplinares e legais, quando

apropriado. A questão da representatividade também surge como uma consideração importante neste contexto.

A presença de mais mulheres jornalistas esportivas nas redações e nos espaços de tomada de decisão pode ajudar a reduzir o assédio ao promover uma cultura de inclusão e respeito. No entanto, é importante ressaltar que a responsabilidade de prevenir e combater o assédio não deve recair apenas sobre as vítimas ou sobre as mulheres em geral, mas sim sobre toda a sociedade.

Além das medidas internas nas organizações, é necessário um engajamento mais amplo da sociedade civil, dos meios de comunicação e das instituições governamentais na promoção de mudanças culturais e estruturais que desmantelem as raízes do assédio. Isso pode incluir campanhas de conscientização, iniciativas de advocacy e políticas públicas que visem eliminar a discriminação de gênero e promover a igualdade de oportunidades em todas as esferas da vida.

Em última análise, o caso do assédio contra jornalistas esportivas destaca a urgência de ações concretas e coordenadas para enfrentar esse problema endêmico. Somente com um compromisso coletivo e sustentado podemos criar um ambiente onde todas as pessoas, independentemente de gênero, possam trabalhar e viver livres do medo e da violência do assédio.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O jornalismo é indubitavelmente a pedra angular de uma sociedade democrática, e os jornalistas desempenham um papel crucial na disseminação de informações para o público. No entanto, esta profissão enfrenta uma série de desafios substanciais, e um dos mais prementes é o assédio no local de trabalho. O caso emblemático de Bruna Dealry, jornalista que enfrentou assédio sexual em seu ambiente profissional, lança luz sobre a urgente necessidade de se abordar esta questão de forma mais ampla e eficaz. Infelizmente, muitas jornalistas enfrentam formas variadas de assédio, seja por parte de colegas ou superiores, que incluem desde abusos verbais e ameaças até mesmo violência física.

Os impactos desse assédio são profundos, causando traumas psicológicos e efeitos negativos na saúde mental, o que, por sua vez, pode resultar em uma redução da qualidade do jornalismo produzido. Ademais, cria-se um ambiente de trabalho hostil, que não apenas prejudica o bem-estar dos profissionais envolvidos, mas também contribui para altas taxas de rotatividade e dificuldades em atrair e manter talentos qualificados na área. Cabe aos empregadores assumir a responsabilidade primordial de abordar o assédio no ambiente de trabalho. Isso implica estabelecer políticas claras para prevenir o assédio, que incluam procedimentos bem definidos para denúncias e ações consequentes diante de incidentes de assédio. Além disso, os empregadores têm o dever de proporcionar treinamento adequado aos funcionários sobre prevenção e denúncia de assédio, bem como de agir prontamente e de maneira adequada diante de relatos de assédio. A falha em fazê-lo pode resultar em consequências legais severas e em danos consideráveis à reputação da organização.

Em última análise, abordar efetivamente o assédio no local de trabalho não é apenas uma questão de cumprimento de regulamentos legais, mas também uma questão de justiça e ética. As jornalistas merecem poder realizar seu trabalho em um ambiente seguro e respeitoso, livre do medo de assédio ou retaliação. Somente quando os empregadores, juntamente com toda a sociedade, se comprometerem a enfrentar e erradicar o assédio no jornalismo e em todas as esferas profissionais, poderemos garantir que a integridade e a qualidade do jornalismo não sejam comprometidas.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. Sobre a televisão Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997

NEVEU, Érik. Sociologia do jornalismo São Paulo: Edições Loyola, 2006.

ALMEIDA, Vanessa. G. et al. Qualidade de vida e depressão em mulheres vítimas de seus parceiros. **Rev. Saúde pública**. 2005.

ARAÚJO, Anne de Fátima Pedrosa; RODRIGUES, Natália Bernadeth Fernandes. **Direitos da Personalidade**. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/55019/direitosda-personalidade>. Acesso em: 18 mai. 2023.

BAIBICH, Maria Esther Souza. BERLIM E O MURO: **estudo de caso da vivência de assédio moral no trabalho docente**. Dissertação (Mestrado em Saúde Mental e Atenção Psicossocial) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/130879/328466.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 28 mar. 2023.

BRASIL. **Conselho nacional de Justiça. Justiça pela paz em casa**. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/programas-e-aco-es/violencia-contra-a-mulher/justica-pela-paz-em-casa/>. Acesso em 21/10/2022.

BRASIL. Lei n. 9.799, de 26 de maio de 1999. Insere na Consolidação das Leis do Trabalho regras sobre o acesso da mulher ao mercado de trabalho e dá outras providências. Brasília, 1999.

BRASIL. **Consolidação das Leis do Trabalho**. Decreto-Lei nº 5.442, de 01.mai.1943. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/DecretoLei/Del5452compilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/DecretoLei/Del5452compilado.htm). Acesso em: 29.fev.2023.

\_\_\_\_\_. **Consolidação das Leis do Trabalho**: Lei nº 13.467, de 11 de novembro de 2017. Disponível em Acesso em: 08 jun. 2023.

BUENO, Ugo Franco. **Gestão de pessoas nas organizações**. São Paulo: Atlas, 2013. 233 p.

CANNITO, Newton Guimarães. A TV 1.5 – **A televisão na era digital**. São Paulo: [s.n], 2009.

CAVALCANTI, J. **A construção cultural da diferença dos sexos**. Sexualidade, gênero e sociedade, Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1995.

DELGADO, Maurício Godinho. **Curso de direito do trabalho**. 18 ed. São Paulo: LTr, 2019.

FIORILLO, Celso Antônio Pacheco. **Curso de Direito Ambiental Brasileiro**, 14 ed. São Paulo: Saraiva, 2015.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho**. Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 132. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132>. Acesso em: 25 jun. 2020.  
KERGOAT, D. La Division du travail entre les sexes. In: KERGOAT, J. et al. (dir.). Le monde du travail. Paris: La Decouverte, 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 2. ed. SP: Atlas, 1991.

GLOBOESPORTE.COM. **Repórter grava agressão em Gre-Nal e registra boletim de ocorrência**. Globo Esporte, Porto Alegre, 11 mar. 2019. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/rs/futebol/noticia/reporter-grava-agressao-em-gre-nal-e-registra-boletim-deocorrencia.ghtml> Acesso em: 3 NOV. 2022.

LAKATOS, Eva e Marconi, Marina. **Metodologia do Trabalho Científico**. SP : Atlas, 1992.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia Científica: guia para eficiência nos estudos**. 4. ed. SP: Atlas, 1996.

<https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/enm/2022/09/07/reporter-da-espn-sofre-assedio-durante-cobertura-no-maracana.htm?cmpid=copiaecola>.

MELLO, Adriana. **Violência contra a mulher, direitos humanos e gênero**. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/28394/violencia-contra-a-mulher-direitos-humanos-e-genero>. Acesso em 08/08/2022.

MANUZ, Pedro Paulo Teixeira. **O assédio moral nas relações de trabalho e a responsabilidade do empregador**. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2019-jun-28/reflexoes-trabalhistas-assedio-moral-trabalho-responsabilidadeempregador>. Acesso em 23 jun. 2020.

MARTINEZ, Luciano. **Curso de direito do trabalho**. 7.ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

Sérgio Pinto. Direito processual do trabalho. 39 ed. São Paulo: Saraiva, 2019.

MEDEIROS, Camila Marinho Costa de. **Impactos da lei nº 13.467/2017 sobre o trabalho da mulher**. Brasília: Uniceub, 2018.

OLIVEIRA, Euler Sinoir. **Assédio moral**: sujeitos, danos à saúde e legislação. Disponível em: Acesso em 27 jun. 2020.

PIOVESAN, Flávia; SARMENTO, Daniel. **Igualdade, diferença e direitos humanos**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2017.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede**: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SINA, Amalia. **Marketing Global**: soluções estratégicas para o mercado brasileiro. São Paulo: Saraiva, 2008.

SÁ, Renata Álvares. Monografia do curso de direito. **Violência doméstica e de gênero contra a mulher: Um problema marcado por uma desigual distribuição de poder**. Rio de Janeiro, 2005.

SILVARES, J. A. **Curso de direito constitucional positivo**. 32. ed. rev. e atual. São Paulo: Malheiros, 2017.

SIQUEIRA, Wagner. **Gerentes que duram**: habilidades e conhecimento que consolidam a competência. Curitiba: E- papers, 2010. 198 p.

SILVEIRA, S. **Ciberativismo**, cultura hacker e o individualismo colaborativo. Revista USP, n. 86, p. 28-39, 1 ago. 2010. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13811/15629>. Acesso em: 12 nov, 2022.

SAKO, Emília Simeão Albino. **Trabalho e novas tecnologias**. São Paulo: LTr, 2015.

SOUZA, Beatriz; MARTINS, Juliane Cavarieri. O trabalho da mulher e a proposta de um estatuto jurídico próprio: a condição feminina no mundo do trabalho. **Revista da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Uberlândia**, n. 2, Uberlândia, 2016, p.34-43.

SILVA, Alexandra. C. **O Papel Da Mediação No Novo Código De Processo Civil**. Jusbrasil, 2020.

SARLET, Ingo Wolfgang. **Dignidade da pessoa humana e Direitos Fundamentais na Constituição Federal de 1988**. Porto Alegre, Livraria do Advogado: 2017.

VALBÃO, Mariano. Disponível em:  
[https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/esporte-na-tv/2022/09/08/noticia\\_esporte\\_na\\_tv,3975813/relembre-outras-casos-de-jornalistas-que-sofreram-assedio-sexual-ao-vivo.shtml](https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/esporte-na-tv/2022/09/08/noticia_esporte_na_tv,3975813/relembre-outras-casos-de-jornalistas-que-sofreram-assedio-sexual-ao-vivo.shtml). Acesso em 06/11/2022.

XAVIER, Roberto. Fonseca. **Comunicação organizacional**. São Paulo: LTDA, 2009. 66 p.